

Índice

A Economia das Paixões	9
A Ilha, Corpo e Alma	59
A Lança de Longinus	69
A Ranhosa, a Gafa e a Torta	73
Aristóteles	83
Cadências	87
Fechai a Noite a Arco de Nave	91
Largo Tempo	97
Morre Quem Ama de Verdade	117
Não Se Trata de Um Jogo	123
O Café Central	127
O Carácter do Inimigo	131
O Mirante	135
O Relógio Velho	139
Jasmins Bastardos	143
Um Passo na Ilha	153
Outro Passo na Ilha	159
Parar o Tempo	165
Porto Formoso, Uma História Antiga	171
Vermelho Sangue de Boi sobre o Mar da Ilha	203
Tão-Só Uma Ilusão	211
Uma Escultura	215
Versos a Uma Cabrinha Que Eu Tive	221
Todos os Nomes Lhe Convêm	225
Natal de 2015 — De Um Diário Destruído	229
O Melro, as Pequenas Ilhas	243
Calumbre	249

A Gente Miúda	255
Ocre da Índia	259
A Chuva de Ouro, seguida de a Caça ao Anjo	265
Hermengarda	273

A Economia das Paixões

Agora chegam quase sempre de avião. Toma-se a estrada para a Urzelina e depois é descer um pouco para as Manadas, Santa Rita e, logo, Santa Bárbara. A igreja de torre grossa, acachorrada. «A mais bela da ilha», diz o do meio à mãe, cada vez que por lá passam. «O órgão, hei-de restaurá-lo, se o paneleiro do padre não roubar o que resta da caixa e das tubagens; vê tu só: ele diz que desce os rapazes no oco dos altares e que de lá saem imagens; e que outro dia fez um deles dar à luz uma Senhora da Conceição; havias de o ver, t-shirt do Peter da Horta, verde-mar, com a baleia lançando no ar o branco do espermacete, que aquele rompante de jacto não é água; e o pulso grosso do padre, bem mais grosso que a torre baixa e atarracada de Santa Bárbara, a torcer-se sobre a fala “fiz o rapaz dar à luz de dentro do oco do altar a linda imagem”; ele tem agora, nas férias, uma rapariga a tocar violino no coro alto; ninguém me convence de que não terá sido o padre quem deu sumiço ao retábulo de D. Sebastião, e o altar ficou um nojo com colagens avulsas de talha que pinta e repinta. Por isso não gosto de entrar na matriz da vila.»

Pode chegar-se de barco ao cais das Velas ou ao paredão do porto da Calheta. O cais das Velas é um abrir de luz. O paredão da Calheta, por inteiro, o mais negro a pique sobre o mar da ilha. Pode chegar-se à casa de muitas maneiras. A melhor é chegar pé ante pé. Sem qualquer ruído, para vermos a casa grande, como se fosse na nossa ausência. Mas a casa nem sequer é grande. É muito mais uma casa encailhada na força das águas do mar da ilha, do mar de Santa Bárbara. Mar verde-liso, verde-forte, com muitas vacas por detrás, deitadas, pelas alturas da ilha. A casa grande e também velha é a economia das paixões, diz o que é pai, em sucessão, do mais velho, do do meio e do

mais novo. «Este é o mais velho», diz logo de seguida o pai quando um a um os apresenta, «não têm proposição, mas estão carregados de valioso mais; economizámos no do meio.» Na casa dormem todos cobertos com um pano de lençol bem lavado e branco. Lençol assim serve de vela à barca que está na pedra do porto. Serve de capa ao mais novo quando a cavalo rompe em fuga voada pelos nenhuns caminhos a subir a subir Pedreira, os Picos do Montoso e da Esperança. Cavalo selado e de luzido arreio que, ido do chão raso do mar de Santa Bárbara, leva na macia narina o sal da água e rompe a passo ferido a neblina cerrada dos mil metros de altura da ilha. Mas nos quartos, quando a noite cai, o branco de tão lavado lençol desce sobre o peito e o rosto de cada um. Muitas vezes é a mãe quem desce o pano branco do sono e também da vela e também da capa do cavalgar. Mas da casa há que dizer e dizer aqui.

Nem interessa como se chega. Eles estão sempre na casa, mesmo quando não estão. Até dizem na ilha, e a menina da junta de freguesia (chama-se Celsa) que tem a chave da igreja para a abrir aos que de fora chegam é quem mais o propaga, que não se sabe bem quando estão ausentes ou presentes na casa. «Há sempre lá gente. Vêm a nado. A mulher, nem percebo porque mal me cumprimenta, vem pelos ares, de que terra do continente não sei, só sei que conduz um *Fiat Balilla* descapotável dos anos 20, uma relíquia, de um vermelho suíço, que mal dá 30 à hora, faz figura naquela velharia, mas depois só têm bicicletas, todas sem mudanças, que travam com os pés. E o cavalo, que bonita figura a do rapazinho, mas é o único que o monta, sempre com um lençol de linho a fazer de capa preso nos ombros. Esse também chega à ilha de modo estranho, a cavalo e traz consigo a mãe e o irmão mais velho. A mãe no garrote — que disto de cavalos percebo alguma coisa —, o rapaz segura-a com a mão direita, e o irmão na garupa. O cavalo é bonito: castanho-fulvo, pernas sólidas, topete branco; bem bonito por sinal. Gente de poucas falas; sisudos; de bons-dias e nada mais.» Celsa não esconde a ninguém de Santa Bárbara o seu amor pelo pai — o pai chama-se Estêvão — e faz-lhe esperas ao cair da luz; e nem sequer finge o seu interesse pelo do meio — chama-se Leonardo, o do meio —, a quem promete o restauro ora de uma tela ora de uma gaveta do arcaz, pois esse estuda restauro no continente; «dou-lhe a mesa para restauro; a mesa da sacristia foi D. João VI que a ofereceu à irmandade; está nesta miséria, a sucupira toda a abrir e os ornatos sujos; os pedreiros, quando andaram a repa-

rar os telhados e a brecha da parede, comiam nesta mesa, nenhum cuidado; ficou cheia de nódoas de fritos e de círculos de vinho, dos copos e das garrafas». Celsa põe e dispõe da igreja. Serve comidas sobre as rendas dos altares, bebe o vinho de cheiro pelo cálice de prata e na patena já cortou bife do lombo. Teme os olhos bem abertos dos mortos, podem vir buscá-la pelo fim da noite «porque está sozinha sem homem», acredita; corre o risco, e quase grita de medo ao menor ruído dos móveis de sua casa, logo ali, à beira da igreja, a desfazerem-se mas não resiste aos dois vestidos que fez: um, de sobrepelez bordada; o outro, de uma casula verde adamascada.

Celsa, que tem vinte e muitos anos a rondar os quarenta e mesmo mais alguns, abre todos os seus dentes de frieza para dizer que gosta do pai de Leonardo e também de Leonardo. Está sempre, quando o apanha em vão (porque estar em vão é a melhor forma de dizer o modo de ser de Estêvão; estar em vão, estar num desfazer de espuma ao bater da onda na pedra do cais, ali em baixo, quase ao rés da parede da casa grande deles todos); diz-lhe «é difícil parar na sua companhia, bom dia, ofendi-o em alguma coisa? Sou a filha do pai da sua mulher, uma espécie de parente, mesmo da família, e o Estêvão — Estêvão está a ouvir-me? — nem sequer um espaço de calma me consente. É que, se não quiser em definitivo estar comigo, ali no banco comprido do fundo da igreja, só eu é que tenho a chave... É um lance de instante e de saber bem e de gozar, coisa demorada mesmo, ninguém quer saber na freguesia desta igreja, tem demasiada talha, mais ouro de pintura em jeito da gente se ofender com o luxo, não lhes lembra Deus nem Santa Bárbara, a quem já ninguém recorre; já só conta a Senhora de Fátima, que é quem aparece na televisão com o papa morto; e o papa é agora Deus. Pois se o Estêvão quiser, e porque não há-de querer?, nisto de estarmos os dois sou eu que sou a mulher e quem vai querer e consentir no banco do fundo ao fim da tarde. Que Leonardo e António (chama-se António o mais novo) parecem duas gotas de água nas folhas do inhame ao fim do Topo e hão-de querer o que você — mas já nos tratamos por tu, não é? —, o que tu não queres.»

Celsa não pára de rondar um espaço de calma, um lance sempre de recomeço, cordial, como quem espera a bênção da santa da torre e do trovão, que é Bárbara. «Gostar, gosto. Para quê negar? E se não for o pai, que se calhar já é máquina vagarosa, há-de ser o filho mais novo, hei-de gostar de ser levada a cavalo para os céus do Pico das Brenhas; depois é só lançar o lençol que lhe cobre os ombros no desengonço da bagaci-

na. Mas isto de rapaz novo é muitas vezes pouco demorado, a bem dizer, quem eu quero mesmo é o pai das feras criaturas novas.» «Coisa que leve mansidão de tempo», e apertava uma na outra mão, estática de desejo e de intenção. «Agora estou para aqui, sem homem, sozinha.»

«Porque queres, Celsa. Porque queres.» Disse-lhe o senhor Santana, o presidente da junta, erguendo a cabeça dos papéis velhos da freguesia. Aqueles que traçavam os limites da freguesia — das mais antigas da ilha — e a separavam, em fronteira, do Norte Grande, extremada pelo Pico da Esperança, o mais alto da ilha, e ao sul, o mar; a oriente, a Ribeira da Larga, limite dos concelhos das Velas e da Calheta; e a oeste, as terras da Urzelina.

«Isto foi feitiço. Que as paredes da casa grande e as gentes de lá são intrigantes. Estão sempre a colher raminhos na beirada da Fajã das Almas. Não têm gado nem sequer horta. Devem ter dinheiro escondido nos baixos da casa — que nunca lá entrei —, se não, de que vivem? É verdade que nem um carro decente têm, só aquele cavalo, o automóvel velho de manivela que é dela, só dela, da senhora dona Henriques, e as bicicletas não contam, sem travões nem luz; e o barco está parado ao vaivém da água. É o mais velho quem lhe deita a vela e o arreda do cais mar adentro. Não gosto dele. Se olhar bem para ele, senhor Santana, vai ver que é daqueles que não distingue o verde do azul de tanto tempo estar no meio do mar. Isto dói, ai se dói.»

«Celsa, isso de levar um homem que é de outra — apesar de entender que ninguém é de ninguém — para o banco do fundo da igreja... finjo que não sei, é grave, é uma espécie de destino sem casamento. Sem negócio nem conta, acto que Deus não quer.»

«Mas eu quero, e de que maneira quero.»

A casa. É estranho, já estão grandes, os irmãos, e ainda dormem, nas noites do inverno, como que em hibernação, dentro do armário rústico de louça, vazio de qualquer faiança ou estanho ou porcelana, que garante a parede de uma das salas. Cada um enroscado, como se fosse um pequeno cão ou gato, na prateleira que a hierarquia da idade lhes dá: Samuel, o mais velho, na de baixo; Leonardo, o do meio, exactamente na tábua do centro; António, o mais novo, na mais cimeira.

«Mas eu não tenho nada com a Celsa, juro», diz Leonardo ao mais velho. «O António é que é muito amigo dela. Vi-os: segurava-a com um braço e o cavalo corria a muito bom correr a caminho do baluarte dos Terreiros.»

«Qual baluarte? Mentira. Sabes bem que não há pedra sobre pedra desde o sismo da Urzelina. O mar subiu e levou-o, como se abraçasse a pedra aparelhada e de entre ameias a peça de fogo disparasse, semelhante a um beijo carregado com a pólvora dos sentidos todos. Não te desculpes com o António, que é ainda uma criança. Não andes atrás da Celsa. Não faças dela um espaço de andar a correr atrás todas as noites, que o António ainda não sabe fazer da Celsa um lance de começo.»

«Aí é que te enganas. Vou-te dizer. É segredo de morte: segue os passos do pai, quando sai pela porta baixa do jardim, ou quando com a mãe esbarra um olhar inesperado.» Na cama feita na tábua da prateleira cimeira, o mais novo, com o branco lençol sobre a cara, pedia conselho ao mais dentro de si. Tudo lhe parecera tão simples e agora tão incerto. Por debaixo de si, no desengonço das outras prateleiras, já dormiam os seus irmãos. Desceu sem ruído. Os irmãos respiravam o sono em segura dúvida. O cavalo sem nome esperava. Montou-o. Correu em direcção à estrada larga entre as vilas. Até um vulto surgir da neblina dos picos e suster o passo da montada: «Já és um homem ou ainda és criança? Responde.»

«Eu não tenho medo. Posso dizer-me inocente.» A noite ficou muito fria de repente. Cada vez mais longe do dia de ontem e mais perto da manhã seguinte. O mais novo viu desmanchar-se diante de si um monte de coisas confusas. O cavalo estremeceu sob o seu corpo. O seu único amigo, sem nome, o cavalo, não haveria de o perder.

Todos eles tinham o seu quarto. A cama feita e desfeita no armário, remoto gosto flamengo, era atávico, longínquo e confuso sangue que lhes entrava no sossego do circuito das veias. Nem sabiam quase da cama no armário, impulso a que não podiam resistir; pulsão, latência mais forte que chamamento de sexo, que inescapável briga de infância, que perigoso remordimento trazia, aos três irmãos, pela sonolência funda da noite, como sonâmbulos, a cada uma das prateleiras. Queriam apenas, de repente, a tábua do móvel louceiro velho e aí se sentiam, em inconsciente conversa noite fora, enquanto escutavam a boa novidade e o pior temor de um e dos outros — os três filhos de Estêvão e de Caetana Henriques, que os foi tendo em suceder de refrão, sem pressa, mas com acabado gozo e regozijo —; eles aí dormiam, entrados em sossego, em noite que se acabava e em que tanta coisa ficava sempre por contar. Na noite seguinte, esperava-os o quarto de cada um.